



Marion  
Minerbo

#Ateliê Clínicos

Riscar um  
fósforo  
*e outros ateliês*

Volume 3

**Blucher**

# RISCAR UM FÓSFORO

*e outros ateliês*

VOLUME 3

Marion Minerbo

Revisão técnica

*Isabel Lobato Botter*

*Luciana Botter*

*Riscar um fósforo e outros ateliês*

© 2024 Marion Minerbo

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Eduardo Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Pré-produção:* Aline Fernandes

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Departamento de produção

*Preparação de texto* Regiane Miyashiro

*Diagramação*

*Revisão de texto*

*Capa* Leandro Cunha

## Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Mandelbaum, Belinda

*Trabalhos com famílias em psicologia social/*

Belinda Mandelbaum. – 2. ed. – São Paulo: Blucher, 2023.

206 p.

ISBN 978-65-5506-602-9

1. Psicologia social 2. Desemprego 3. Educação infantil 4. Violência familiar I. Título

23-3532

CDD 302.01

---

Índice para catálogo sistemático:

1.

# Conteúdo

Agradecimentos	7
Algumas palavras	11
1. Riscar um fósforo	13
2. O porco-espinho	55
3. Quero ter uma namorada	97
Referências	131

# Ateliê 1

## Riscar um fósforo

Escolhi este ateliê porque aborda a transferência erótica passional, que é sempre um desafio para nós. Tenho um carinho especial por ele pois, de surpresa em surpresa, fomos levados a criar-achar a teoria sobre a neurose. A sexualidade infantil está presente nos quatro encontros e se organiza como histeria masculina.

No primeiro encontro, após um começo um tanto confuso, reconhecemos a posição subjetiva infantilizada que o paciente ocupa na vida, indicativa do recalque da sexualidade. O segundo nos brindou com a revelação do amor escondido na transferência e seu complemento contratransferencial: o cuidado extra do analista para não seduzir seu paciente. Já no fim do terceiro encontro, o paciente nos presenteou com o material mais lindo deste ateliê. Não digo mais para não estragar a surpresa. O quarto encontro não trouxe grandes novidades. Nem precisava, depois da intensidade dos três primeiros!

Hesitei entre três títulos igualmente perfeitos para este ateliê: “Amor escondido”, “Riscar um fósforo” ou “Amor é fogo que arde sem se ver”. Depois de ler o ateliê, que título você daria?

### *Primeiro encontro*

Nosso colega traz alguns dados básicos. Jair tem 50 anos, é empresário e está em análise há dois anos. Na entrevista, diz que está muito angustiado e se sente muito sozinho. Além do trabalho, cuida da mãe que está doente. Quando o colega pergunta o que o deixa angustiado, Jair diz que não consegue colocar limites e por isso as pessoas abusam dele. Durante um tempo fica paralisado, mas vai ficando com ódio do abuso até explodir. Depois, sente-se culpado.

M – TEM ALGUMA HISTORINHA QUE NOS AJUDE A ENTENDER DO QUE SE TRATA?

Sim, tem.

*Tenho quatro funcionários que trabalham na minha empresa. Trato todos da melhor maneira possível. Ofereço a todos os benefícios e atendo a todas as solicitações. Mas eles me tratam mal. Eu me sinto desconsiderado e humilhado. Acho muito injusto.*

*Me sinto rejeitado. Se chamo um deles para fazer um serviço, ele nem me responde. Se vou cobrar alguma coisa que não ficou bem-feita, eles ficam bravos comigo e ameaçam procurar outro emprego. E eu não posso mandá-los embora porque são eles que carregam a empresa nas costas. Tenho medo de perder esses funcionários e a empresa ir para o buraco.*

Meu primeiro passo, em termos de pensamento clínico, é tentar reconhecer se estou pisando em terreno neurótico ou não neurótico, pois há implicações clínicas importantes e distintas em cada um dos cenários (Minerbo, 2019). Para tanto, precisamos da escuta analítica. Vejamos.

Essa historinha é muito útil porque mostra a inversão de papéis. Ao invés de os funcionários terem medo de perder o emprego, é ele que tem medo de perder os funcionários e ficar desamparado. Ele está no lugar da criança dependente. E esses funcionários? Que tipo de objeto representam? Será que representam uma Entidade todo-poderosa (Jair diz que eles carregam a empresa nas costas)? Ou representam algum outro tipo de objeto que nos cabe ainda reconhecer?

Tenho usado o termo Entidade (Minerbo, 2023) para falar de um objeto primário, classicamente a Mãe Arcaica, mas pode ser qualquer personagem que tenha as características de uma imago primitiva aterrorizante. Penso em um objeto interno/externo cujo amor pode salvar/completar a criança, mas cujo ódio pode destruí-la (nesse caso, é a empresa que representa a criança-em-Jair). No *Atêlie 2* – “Você sabe para que serve uma análise?”, do volume 1, vimos que uma tia, uma irmã, uma empresa e uma filha podem representar esse objeto poderoso impossível de ser confrontado.

Quando encontro essa figura na clínica, o sujeito está numa posição complementar, envolvido em uma luta de vida ou morte com ela. Temos o que Klein (1946/1991) descreveu como angústia persecutória, típica da posição esquizoparanoide. O Eu está lutando por seu direito de ser e de existir.

Já na neurose predominam angústias ligadas à gestão do prazer e da agressividade. Os objetos internos/externos são mais nuançados, menos terríveis. O mundo está dividido entre os “grandes” – as figuras edipianas, ou seja, os adultos com todos os seus privilégios,

inclusive o direito a uma vida sexual – e os pequenos, isto é, a criança-no-paciente, imatura e inocente. A criança não luta para sobreviver, mas para merecer o amor dos “grandes”.

M – JAIR DIZ QUE TENTA ATENDER A TODAS AS SOLICITAÇÕES DOS FUNCIONÁRIOS. COMO VAMOS ENTENDER ISSO?

Levanto, a princípio, duas hipóteses: será que ele tenta merecer o amor dos funcionários na condição de “os grandes” que sabem como cuidar da empresa, enquanto ele/a criança se sente incapaz e despreparado para enfrentar a vida como ela é? Ou será que ele tenta fugir do ódio assassino da Entidade que pode se vingar dele, abandonando-o, e à empresa, à própria sorte/falência/morte?

Com base no material que temos até agora, vejo os funcionários como representantes da Entidade. Mas o segundo encontro nos obrigou a mudar de rota. Essa é uma das vantagens do ateliê: como temos quatro encontros, há tempo para formular hipóteses e descartá-las.

Uma historinha não é apenas o relato de uma “realidade”. É também material a ser interpretado. Do ponto de vista de Jair, seu problema é que ele *não põe limites e acaba explodindo*. Ele parece esperar que a análise lhe ensine a pôr limites para não explodir depois, mas nós não precisamos comprar o conteúdo manifesto tal qual. Numa outra escuta, uma vez que ele vê os funcionários como Entidade, tem medo deles e não consegue confrontá-los (que ele chama de colocar limites).

Vejam: se os funcionários não fossem vividos, transferencialmente, como Entidade, mesmo que pedissem demissão, Jair não temeria morrer desamparado. Daria um certo trabalho, é claro, mas Jair acabaria substituindo essas pessoas por outras. No entanto,

quando os funcionários são vividos transferencialmente como Entidade, então a ameaça de demissão é um verdadeiro desastre – vemos aqui a angústia de morte (a empresa, seu ganha-pão, vai para o buraco).

Desse modo, o que traz Jair para análise são as complicações decorrentes de “enxergar” os funcionários – e provavelmente outros suportes transferenciais no cotidiano – como Entidade. Quando puder desconstruir a Entidade, Jair poderá colocar os limites que julgar adequados. Quando perder o medo dos funcionários, passará a ser respeitado por eles.

M – JAIR TEM ALGUMA HIPÓTESE SOBRE POR QUE OS FUNCIONÁRIOS O TRATAM ASSIM?

Elenco aqui algumas possibilidades. Ele pode achar que os funcionários têm inveja porque queriam ser os donos (nesse caso, ele seria um homem potente/grande atacado pelos rivais). Ou ele pode achar que os funcionários são “os grandes” fazendo troça/zombando do “pequeno”. Ou ele pode achar, ainda, que os funcionários não gostam dele por algum motivo específico que nos cabe descobrir. Jair acha que ele simplesmente não é uma pessoa gostável.

Outras historinhas vão desenhando a sua posição subjetiva com mais clareza.

*Eu tinha uma funcionária que estava comigo há 10 anos. Ofereceram sociedade numa empresa e ela aceitou. A gente se dava muito bem, ela era meu braço direito. Me senti traído, mas entendi o lado dela. Só que depois ela viu que foi iludida por uma proposta mentirosa. Fiquei com raiva porque ela me abandonou, mas fiquei com pena. Eu gostava dela e ela quebrou a cara.*

Esse material sugere a presença de uma figura materna amorosa, mas inoperante – talvez por ser infantilizada (acreditou ingenuamente numa proposta mentirosa). Além disso, ela escolheu a empresa “rival” (que ofereceu sociedade), o que indica a presença de uma triangulação edipiana: Jair perdeu a funcionária para o terceiro. A figura materna só voltará a aparecer no quarto encontro.



E agora vem a parte que Jair vinha adiando revelar.

*Meus funcionários debocham de mim. Me chamam de bichona.*

M – COMO ENTENDER ESSE MATERIAL?

Os funcionários-Entidade fazem *bullying* com ele. Desprezam, humilham. Mas, como veremos, ele atrai o bullying por estar numa posição subjetiva infantilizada. E como será que ele foi parar nessa posição? Não sabemos. Em compensação, sabemos que Jair fica paralisado de terror. Imagina que, se reagir, se “colocar limites”, vai dar munição para ser mais atacado e ficará desamparado, já que não conta com a funcionária que gostava dele. Se essa figura materna fosse menos infantilizada, poderia fazer o meio de campo – o papel de terceiro – entre ele e a Entidade, e talvez o cenário fosse muito diferente.

No caso de Jair, tenho a impressão de que o suporte transferencial da Entidade é a figura paterna. Com exceção da funcionária que o abandonou, ele se move em um universo eminentemente masculino. Vemos como ele fica passivo frente ao que parece ser um ataque ao seu narcisismo. Vemos também como ele faz de

tudo para conseguir seu amor, mas consegue apenas seu desprezo. Quanto mais o menininho bonzinho e carente corre atrás do amor do papai (os funcionários), mais ele é rejeitado, *justamente por estar nessa posição subjetiva*.

Quando trago a imagem do menininho bonzinho, o colega que apresenta o caso faz uma associação importante. Quando Jair fica frustrado e se sente desconsiderado, toma suquinho de maçã. Não uma caixinha, mas dez de cada vez. Ele está obeso, tentando perder peso, e por isso entende a compulsão como ataque à sua dieta. Porém, nós não precisamos embarcar na ideia de que se trata de um comportamento autodestrutivo, como ele tenta sugerir.

#### M – O QUE MAIS PODERIA SER?

Chupar compulsivamente o canudinho das caixinhas do suquinho de maçã me remete a uma criança buscando consolo na sua querida chupeta. Esse comportamento pode representar a busca do prazer erótico ligado à oralidade – o canudo tanto pode ser o seio da mãe quanto o pênis do pai – mas as dez caixinhas de suco podem representar também a busca de um “barato” sensorial para aliviar angústias primitivas – no caso, o medo de ser destruído pela Entidade. E, como qualquer adição, pode condensar as duas: prazer erótico + alívio de angústias primitivas.

O que diz a clínica? O que está em primeiro plano na relação com os funcionários? A luta para conseguir seu amor? Ou a luta para evitar seu ódio/fim da empresa? Podemos colocar a mesma pergunta de outra maneira: eles representam uma figura paterna potente e viril, num Édipo invertido de uma organização neurótica? Ou representam a Entidade – uma figura arcaica persecutória numa organização não neurótica?

Seguimos tentando reconhecer em que terreno estamos pisando: neurótico ou não neurótico. São organizações psíquicas totalmente diferentes que exigem abordagens clínicas distintas. Essa dúvida será esclarecida no próximo encontro, mas, por enquanto, vamos manter o suspense.



Nosso colega continua trazendo material clínico. Diz que Jair só se relaciona com “pessoas interditadas” (o termo é do analista). Por exemplo, passou dez anos apaixonado por um homem casado. Encontravam-se duas vezes por ano. Não ficava claro se esse homem não queria se relacionar com Jair, ou se queria, mas, por qualquer razão, não podia, ou não se autorizava. E aqui entra o personagem central dessa análise: o personal. Como ele precisa perder peso, começou fazendo aulas com esse profissional. Desenvolveram uma amizade, mas ele logo começou a “querer mais”. Só que o personal é “interditado” porque é heterossexual.

*Meu personal é um macho alfa sedutor. Percebeu que eu estava apaixonado e passou a usar seu poder de sedução para se aproveitar de mim. Ele sabe que tenho dinheiro e que preciso perder peso, então quanto mais aulas eu quiser ter, melhor para ele. Sei que estou sendo usado e já tentei me afastar. Parei com as aulas por um tempo, mas ele me chamou de volta. Não resisti e voltei. Quando estou com ele, ou quando recebo mensagens, meu dia se ilumina. Sei que não irá para frente, mas, mesmo assim, essa amizade é muito importante para mim.*



Neste volume, são apresentados três ateliês clínicos em que transferência e contratransferência estão no centro do debate.

Como trabalhar com a transferência amorosa/erótica?

Como elaborar o medo na contratransferência, complementar ao ódio (explícito ou velado) na transferência? Ou ainda: que sentido dar a uma estranhíssima falta de conexão entre analista e paciente? Seja pelo excesso de “calor” ou pelo excesso de “frio”, o analista tende a se sentir imobilizado no lugar transferencial a ele atribuído. Marion Minerbo constrói, passo a passo, leituras teórico-clínicas que atribuem sentido e, então, movimentam situações difíceis e angustiantes, tão comuns no cotidiano dos consultórios.

Bruna Paola Zerbinatti

# *Ateliê Clínicos*  
Marion Minerbo



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Riscar um fósforo - Vol. 3 E outros ateliês

---

Marion Minerbo

ISBN: 9788521223320

Páginas: 133

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---